COMO CITAR
Morais SCRV; Mangueira SO, organizadores. Concepções epistemológicas em enfermagem: aplicação de teorias na prática. Brasília, DF: Editora ABEn; 2025. 56 p.
https://doi.org/10.51234/aben.25.e28

# VIVÊNCIA PROFISSIONAL NUMA MATERNIDADE DURANTE A PANDEMIA: ANÁLISE NA PERSPECTIVA TEÓRICA DE CALLISTA ROY

**Eduarda Augusto Melo**[I]
ORCID: 0000-0002-2867-1530

**Aline Barros de Oliveira**[I]
ORCID: 0000-0003-0427-7181

**Auricarla Gonçalves de Souza**[I]
ORCID: 0000-0001-9378-6513

**Cláudia Gabrielle da Silva**[I]
ORCID: 0000-0001-8197-7929

**Laís Carolina da Silva**[I]
ORCID: 0000-0001-8500-0883

**Sheila Coelho Ramalho Vasconcelos Morais**[I]
ORCID: 0000-0001-9831-0338

[I] Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Enfermagem. Recife-PE, Brasil.

**Autora Correspondente:**
Eduarda Augusto Melo
eduarda.melo@ufpe.br



## INTRODUÇÃO

O cuidado de enfermagem é a expressão da atividade profissional e precisa do saber científico para fundamentação da sua prática. Estão envolvidos neste cuidado, responsabilidade, ética e respeito, a partir de um embasamento científico, de forma a atender às necessidades do ser humano, na sua multidimensionalidade, abordando este indivíduo como ser holístico. A prática a partir do conhecimento científico se dá a partir de teorias de enfermagem, que são instrumentos referenciais para o exercício da prática do profissional da enfermagem[1].

A implementação de um cuidado fundamentado em uma teoria de enfermagem confere fundamentação científica à prática dessa profissão, contribuindo para construção de um conhecimento crítico e reflexivo, favorecendo melhorias ao cuidado prestado[1]. Dentre as várias teorias de enfermagem, a Teoria da Adaptação de Sister Callista Roy entende o indivíduo como sistema adaptativo e holístico, com a noção de estímulos que interagem com as pessoas e desencadeiam respostas, tendo a capacidade de se adaptar mediante influências do meio[2].

Seja de maneira evidente ou subconsciente, utilizamos alguma teoria na nossa prática de trabalho. Quando falamos da Teoria de Adaptação de Callista Roy, trazemos como exemplo prático o cenário da pandemia da COVID-19 frente a assistência obstétrica, que levou a reformulações e estabelecimentos de cuidados, para adaptação das gestantes e dos profissionais ao novo cenário. Desde janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou estado pandêmico, devido ao novo coronavírus, o SARS-COV-2, que se propagou de maneira muito rápida, vulnerabilizando alguns grupos de risco, inclusive as gestantes[3]. O Boletim do Observatório da Covid-19 registrou alta taxa de letalidade para gestantes e puérperas no nosso país[4].

Diante deste cenário, as maternidades implementaram algumas medidas para prevenir a COVID-19, como: uso

adequado dos equipamentos de proteção individual (EPI's), protocolo de lavagem das mãos, uso de álcool gel, distanciamento social e uso de face shield para os profissionais de saúde[2]. Dentre os protocolos para prevenir a COVID-19, houveram impedimentos da presença do acompanhante, com o objetivo de prevenir a disseminação do vírus, apesar da lei nº 11.108 de 2005, que garante o direito ao acompanhante no pré-parto, parto e pós-parto[5].

No contexto pandêmico da COVID-19 nas maternidades, a teoria de Callista Roy esteve presente na prática obstétrica ao estabelecer um processo adaptativo com vistas que essa assistência direta, de cuidados profissionais e de apoio do acompanhante mesmo com limitação imposta mantivesse o enfoque humanizado.

Diante do exposto, este estudo teve como objetivo demonstrar a experiência vivida por profissionais de enfermagem em uma maternidade, durante a pandemia de COVID - 19, à luz da Teoria da Adaptação de Callista Roy.

## CAMINHO METODOLÓGICO

Trata-se de um relato de experiência de profissionais de enfermagem em uma maternidade, durante a pandemia de COVID - 19, à luz da Teoria da Adaptação de Callista Roy, vivenciado no município de Caruaru-PE.

A vivência foi realizada no ano de 2020 em uma maternidade localizada na nordeste brasileiro, na região do agreste pernambucano, que é referência para 32 municípios da IV GERES do estado de Pernambuco e atende exclusivamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Durante este período, devido aos casos de COVID-19, com o intuito de prevenir a disseminação do vírus, mesmo em pacientes assintomáticos, foi instituído um protocolo onde restringia o direito ao acompanhante. Ficou proibido que a mulher tivesse acompanhante durante todo o processo do parto normal, desde a entrada no hospital, ao momento do parto até o pós-parto, com exceção apenas para adolescentes menores de 15 anos, que tinham direito ao acompanhante do início ao fim do processo de internamento. E com relação à cesariana, era permitido um acompanhante apenas durante as primeiras seis horas pós cirúrgicas.

Este relato não faz referência a aplicabilidade da teoria, pois o processo vivenciado pelos profissionais não ocorreu com esse objetivo. Neste relato faz-se uma reflexão quanto a relação da vivência prática de profissionais de enfermagem no contexto da pandemia à luz da Teoria de Adaptação de Callista Roy. De acordo com essa teoria, o indivíduo está em constante processo de adaptação com o meio onde está inserido, desencadeando respostas adaptativas a partir de estímulos. O contexto pandêmico, foi o estímulo que levou toda a equipe profissional a se adequar ao cenário vivenciado, visando a prevenção da disseminação do vírus.

## RESULTADOS

A pandemia de COVID – 19 trouxe muitas mudanças para todos e no que se refere aos serviços de saúde, esses sofreram diversas modificações. A chegada dessa doença até então desconhecida, trouxe consigo medos, incertezas, tensão, instabilidade emocional, entre outros, sentimentos estes causados pelo medo da contaminação, da morte e de transmitir para familiares e amigos.

As modificações na maternidade se deram exigindo distanciamento social e uso de máscara por parte de todos. E para atender mulheres gestantes com sintomas respiratórios existia um consultório de isolamento, onde as mesmas eram encaminhadas e diante disso, os profissionais de saúde precisavam se paramentar utilizando máscara N95 e outros equipamentos de proteção individual (EPI's), como capote, touca, luvas e face shield, sendo estes relevantes para proteção e prevenção da contaminação.

Na obstetrícia, os profissionais na assistência direta, tem muito contato físico, porém nesse contexto esse fato teve que ser reduzido ou realizado com a utilização de EPI's, fato este que gerou a redução de exercícios realizados para auxiliar no trabalho de parto, do toque físico (onde se inclui muitos dos métodos naturais de alívio da dor), e práticas como carimbos que eram feitos com placentas para as pacientes guardarem de recordação, foram proibidas durante o período vivenciado.

Houve a restrição também do acompanhante durante todo o processo de internamento, mesmo em pacientes assintomáticas, desde a entrada na maternidade para realização da triagem, e durante o internamento, que envolvia o processo de trabalho de parto, parto (incluindo as cirurgias cesarianas) e pós parto, com exceção apenas para mulheres em trabalho de parto que fossem menores de 15 anos e em puérperas de cesariana, onde foi permitido um acompanhante apenas nas primeiras seis horas pós cirúrgicas.

Outra mudança relevante no período foi a proibição do contato pele a pele mãe e bebê quando a mãe testou positivo para COVID – 19. Como também a exigência por parte de alguns pediatras que fosse feito o clampeamento precoce do cordão umbilical, sob a justificativa de diminuir a possibilidade de icterícia neonatal e consequentemente reduziria o tempo de internamento e o risco de contaminação pelo vírus.

Diante de todas as mudanças e restrições foi um período difícil para todos os profissionais de saúde que atuavam na maternidade, uma vivência jamais será esquecida e que ainda não chegou ao fim, mas já superou sua fase mais difícil, a do desconhecido.

## DISCUSSÃO

Na obstetrícia foram alguns os desafios enfrentados pelas gestantes e profissionais de saúde. Neste contexto pode-se enxergar a aplicabilidade da teoria de Callista Roy que indica três estímulos: focal, contextual e residual[6-9]. Na circunstância da pandemia pelo coronavírus foi importante manejar corretamente estes estímulos que Roy definiu como, tudo que vai gerar uma resposta, considerando a interação entre o ser humano e o ambiente[7].

Com o foco nesta população, o estímulo focal é o que interfere diretamente, o que necessita de maior concentração de energia[7] e neste caso, a gestação. Os estímulos contextuais, são os fatores ambientais que se apresentam à pessoa, portanto não é o foco principal, mas sim o que influenciará nas ações da pessoa frente ao estímulo focal, podem ser caracterizados pela presença do coronavírus, por doenças pré-existentes e também pelo local que se estava/trabalhava, que era propício à transmissão[7,8]. Os estímulos residuais são os fatores externos e internos que podem ser descritos como o estresse vivenciado tanto pelas adaptações impostas pela gravidez, como pelo medo da contaminação e solidão[8].

Em resposta aos estímulos Roy descreve quatro modos adaptativos: o modo fisiológico, autoconceito, função do papel e interdependência[6-9]. O primeiro trata da adequação ao qual o corpo da mulher é submetido com o processo gestacional. O segundo, como a mulher se percebe diante da gravidez e do ambiente com a presença do coronavírus. Esse modo visa o fortalecimento psíquico em meio ao pânico, o encontro de um amparo emocional pode favorecer o bem estar psicológico[8]. A função do papel é como essa gestante se vê contribuindo na sociedade, em meio a pandemia, o isolamento social foi uma contribuição positiva e uma proteção ao seu filho. A interdependência trata da interação social, englobando as necessidades afetivas[7,9].

Então, esses modos adaptativos direcionam às respostas, se essas serão adaptativas ou inefetivas. No contexto da pandemia muitos pacientes não puderam ficar com acompanhantes no momento do trabalho de parto o que as deixou temerosas e inseguras, contrariando o que o Ministério da Saúde orienta, que toda mulher tem direito a acompanhante, com algumas ressalvas: não realizar revezamentos e não ser de grupos de risco.[3]

## CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de COVID - 19 acarretou consigo diversas modificações e dentre elas as modificações no processo de trabalho nas instituições de saúde, trouxe diversos sentimentos para os profissionais como medo, tristeza, entre outros. Essas mudanças refletiram na assistência prestada às mulheres nas maternidades e muitas delas tornaram esse momento difícil.

Diante do exposto, as mulheres necessitaram se adaptar à ausência de seus acompanhantes para contribuir com uma questão social, mesmo ferindo a lei do acompanhante. E assim, os enfermeiros obstetras precisavam estar mais próximos delas, para promover esse suporte emocional, que por muitas vezes, não foi suprido diante das demandas da instituição, além disso não são pessoas próximas, não fazem parte da vida dessas mulheres e não são quem elas escolheram para estar ao lado em um momento tão relevante em suas vidas, que é o nascimento de seu filho.

## AGRADECIMENTOS

Aos nossos familiares e amigos, por todo o apoio e pela ajuda, que muito contribuíram para a realização deste trabalho.

Nós, que sempre estivemos lado a lado, apoiando umas as outras, sendo paciente e perseverantes para que tudo desse certo.

As nossas professoras Sheila Coelho Ramalho Vasconcelos Morais e Suzana de Oliveira Mangueira, por terem sido nossas orientadoras e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade. Obrigada pelas correções e ensinamentos que nos permitiram apresentar um melhor desempenho, por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o nosso aprendizado.

## REFERÊNCIAS

1. Frota SS, Lopes LV, Onofre MR, Dodou HD, Guedes MVC. Aplicabilidade do modelo de adaptação de Roy no cuidado ao paciente diabético. Rev. Curitiba. 2020;3(4):10699-709.
2. Monteiro AKC, Costa CPV, Campos MOB, Monteiro AKC. Aplicabilidade da teoria de callista roy no cuidado de enfermagem ao estomizado. Rev Enferm Atenção Saúde. 2016;5(1):84-92.
3. Estrela FM, Silva KKA, Cruz MA, Gomes NP. Gestantes no contexto da pandemia da Covid-19: reflexões e desafios. Physis: Revista de Saúde Coletiva. 2020;30(2):e300215. doi: https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300215
4. Fundação Oswaldo Cruz. Boletim Observatório Covid-19: semanas epidemiológicas 20 e 21: 16 a 29 de maio de 2021 [Internet]. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2021 [citado 2022 maio 31]. Disponível em: https://agencia.fiocruz.br/sites/agencia.fiocruz.br/files/u34/ boletim_covid_2021- semanas_20-21-red.pdf.
5. BRASIL. Lei nº 11.108, de 7 de setembro de 2005. Altera a lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS. Brasília, DF: Presidência da República; 2055. [citado 2022 maio 22]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ ccivil_03/Ato2004-2006/2005/Lei/L11108.htm.
6. Roy SC. The Roy adaptation model. 3. ed. New Jersey: Pearson Education; 2009.
7. Melo KM.. O processo de adaptação da mulher às modificações da gestação à luz da teoria de Callista Roy [dissertação]. São Luís: Faculdade de Enfermagem do Maranhão; 2018.
8. Almeida IJS, Lúcio OS, Nascimento MF, Coura AS. Coronavirus pandemic in light of nursing theories . Rev Bras Enferm. 2020;73(Suppl 2):e20200538. doi: http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0538
9. Reis PP, Evers EC, Mendes JO, Makuch DMV. Adaptation of mothers to prematurity: an integrative review in the Roy's vision Adaptación de las madres a la prematuridad: una revisión integradora a la luz de Roy. REAS/EJCH. 2021;13(1):e5827. doi: https://doi.org/10.25248/reas.e5827.2021